

## Introdução

Conheci Raúl Prebisch em 1978 e estava determinado a entender essa figura incomum entre as maiores personalidades do século XX. Sua vida profissional como economista se estendeu pela maior parte do século, e as opiniões a seu respeito eram extremadas: defensores o veneraram e críticos o difamaram na mesma medida. Em parte, este livro é uma reação à força de sua personalidade; em parte, também aos desafios que ele enfrentou na agitação política de seu país natal, a Argentina, na América Latina na época da Guerra Fria e nas relações Norte-Sul. *Raúl Prebisch – a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, que traça a trajetória de Prebisch na infância e na juventude, passando por seu trabalho como economista na Argentina, até chegar a sua famosa liderança na Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) e seu papel internacional como chefe da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), pretende apresentar uma visão equilibrada da contribuição de Prebisch para a economia do desenvolvimento e as instituições internacionais.

Com o desenrolar do trabalho, ficou claro que o principal desafio era o próprio Prebisch, ou melhor, como integrar as dimensões pessoal e profissional desse homem complexo. Ele era reticente quanto a sua vida pessoal, que fica bastante de lado na vasta literatura especializada sobre questões como comércio internacional ou sua carreira na ONU. Curiosamente, grandes épocas de sua vida, como o período da Segunda Guerra Mundial ou os anos de transição entre a Argentina e a ONU (1943-1949), ainda não tinham sido sistematicamente pesquisadas. Em suma, Prebisch permanecia um enigma: só uma abordagem biográfica poderia capturar a unidade essencial de sua vida e obra.

A tarefa, no entanto, mostrou-se enorme, a começar pelo próprio escopo do projeto. Prebisch iniciou os estudos de economia em Buenos Aires em 1918, du-

rante a fase final da Primeira Guerra Mundial, em uma época em que a Argentina podia ser incluída entre os países ricos. Suas ideias e seus textos refletem todo o percurso do pensamento econômico latino-americano no século XX. Depois de ingressar na ONU em 1949, foi um de seus expoentes por vinte anos e permaneceu intelectualmente ativo até morrer em 1986. As muitas facetas inter-relacionadas e os desafios pessoais de sua vida notável tinham de vir a público e ser explicados, ao mesmo tempo evitando fazer uma mini-história da época em que viveu. O alcance e o escopo da pesquisa permitiram-me penetrar nos pensamentos e sentimentos de Prebisch sem sacrificar a acuidade acadêmica. Sua vida e sua obra andam juntas, e se a busca do Raúl Prebisch essencial mostrou-se mais complexa e longa do que o previsto, foi recompensada por um conhecimento mais profundo de um líder com raras realizações e um legado duradouro.

\* \* \*

O enterro de Raúl Prebisch em 20 de abril de 1986 foi um evento importante em Santiago do Chile. Houve multidões, tributos e dedicatórias condizentes com um economista cujas ideias haviam mudado o século XX. Um cardeal da Igreja Católica rezou a missa na catedral de Santiago; presidentes e dignitários solidarizaram-se com a família. Os oradores, um após outro, entoaram louvores ao seu legado duradouro, chamando-o de Keynes latino-americano e de “pai do desenvolvimento”. O carisma, a gentileza e a generosidade de Prebisch mudaram a vida dos que o conheceram. Foi um dos poucos latino-americanos alçados ao título de personalidade mundial por sua energia e seu espírito de liderança.

Porém, a maioria dos presentes ao ofício religioso era formada por pessoas de meia-idade ou mais idosas, colegas que o tinham conhecido em seus primórdios, aposentados da ONU que lembravam a estatura heroica de Prebisch como homem de poder, defensor incansável da justiça econômica e da difusão do progresso material e social para toda a humanidade.

Onde estavam os jovens? Para eles, as ideias de Prebisch pareciam ultrapassadas em comparação com a nova economia, talvez relegadas ao lixo da história. De fato, suas ideias sobre desenvolvimento e as assim chamadas relações Norte-Sul estavam fora de moda na Washington de Ronald Reagan e no Ocidente em geral, inclusive na própria América Latina. A essência da mensagem de Prebisch tinha sido o perigo de todos os países caírem na polarização entre ricos e pobres, e a necessidade de todos colaborarem em prol do interesse mútuo no longo pra-

zo. Em 1986, a corrente majoritária tinha se bandeado para Margaret Thatcher e a “revolução Reagan”, deixando para trás Prebisch e seu reduzido grupo de apoiadores e seguidores dos velhos tempos ao se despedirem de seu herói no belo jardim localizado em uma encosta próxima do rio Maipo, com as montanhas nevadas dos Andes ao longe.

Tão completo fora seu declínio que Prebisch foi negligenciado por biógrafos, o único grande economista do século XX a sofrer essa distinção obscura. No final do século, no entanto, depois de ser acusado de ultrapassado durante vinte anos, ou até mesmo ser perigosamente mal interpretado, a originalidade de sua convocação para se “civilizar a globalização” foi redescoberta. Quando isso aconteceu, ele já estava morto havia tempos. A moda foi revertida. Mesmo os famosos paladinos do capitalismo liberal – o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional – pagaram tributo a Prebisch, reconhecendo sua obra.

O legado dele, no entanto, foi incomumente opaco. Para muitos observadores ele permaneceu um enigma, uma figura desconcertante, com uma identidade dividida. Nascido em 1901, sua vida cobriu praticamente todo o século XX. Ao morrer em 1986, a Guerra Fria estava chegando ao fim. Sua atividade, portanto, acompanhou o desenvolvimento da América Latina moderna, seus sucessos e fracassos. Poucas carreiras refletiram as contradições e os tumultos desse século brutal com tamanha intensidade.

Raúl Prebisch foi um *outsider*. Filho de um imigrante alemão, nasceu no interior da Argentina e chegou à capital em 1918, quando a Primeira Guerra Mundial caminhava para o fim. Aluno da Universidade de Buenos Aires, ascendeu rapidamente até se tornar o mais poderoso economista argentino, mas o regime político corrupto, ao qual servira, foi derrubado por um golpe militar em 1943. Ele próprio foi exonerado logo depois, por suas ideias pró-Aliados e pela defesa da autonomia do Banco Central. Após seis anos de busca e rejeição, foi finalmente admitido no sistema da ONU em 1949, no estágio inicial da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), e tornou-se secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), o maior defensor do diálogo Norte-Sul e uma poderosa força moral e intelectual da justiça internacional. Portanto, diferentemente da maioria dos pensadores econômicos, ele foi muito mais que um acadêmico. Foi uma pessoa de talentos diversos que não só produziu novas teorias como também criou instituições para dar-lhes forma, das quais surgiram novas políticas e práticas. Por toda a vida, Prebisch foi movido por uma busca de “momentos históricos”: o tempo certo de lançar um novo conceito

poderia transformar uma organização num movimento. Teoria, instrumentos e políticas: essa poderosa trindade, ligando uma ideia a um mecanismo histórico, abrange o cerne da visão de Prebisch. Apesar de ter sido um latino-americano culturalmente imerso em sua região, a mensagem de Prebisch foi universal.

Poucas figuras históricas foram tão difamadas e mal entendidas, ou tão acriticamente aclamadas. Observadores e críticos viram duas vidas e personalidades diferentes. O serviço de inteligência dos Estados Unidos o manteve sob vigilância durante a década de 1950 como sendo um radical perigoso, apesar de sempre ter sido um anticomunista firme e ter trabalhado em íntima colaboração com a embaixada americana e o Federal Reserve dez anos antes. Na Argentina, era visto como um símbolo da velha oligarquia, mas desdenhou os militares e nunca foi aceito pela elite. Adorava Buenos Aires mais do que todas as cidades do mundo. Ao retornar em 1983, depois que a democracia foi restaurada, nenhum monumento foi inaugurado ali em homenagem a um de seus mais famosos habitantes.

É difícil classificar Prebisch. Mesmo nos últimos anos de vida, irradiava energia e carisma. Era divertido, articulado e charmoso. Conversar com ele era como ter uma aula de história. Envelheceu, mas nunca pareceu ficar velho. Era fácil encontrá-lo e difícil conhecê-lo. Por trás de sua acessibilidade pública, guardou sua *persona* com uma reserva interna impenetrável. Divertia-se com ideias e anedotas profissionais, mas nunca discutia sua vida pessoal turbulenta e conflituosa, que tanto intrigou amigos e adversários. As lutas internas que subjazem ao seu pensamento e à sua obra permaneceram ocultas por reticência e vulnerabilidade.

Parece-me, então, de algum valor entender o Raúl Prebisch de fato, mais do que o de ficção, e pesar as reivindicações de defensores e críticos. Qual foi seu legado verdadeiro? Quando sua vida e sua obra são integradas, um pouco do mistério é desfeito: apesar das contradições aparentes, a longa carreira pública de Prebisch demonstra uma notável unidade de propósitos e uma coerência surpreendente na maneira como abordou a inovação. Jovem administrador que serviu ao governo da Argentina e economista que desafiou o sistema econômico internacional, ele projetou um imperativo ético que exigia comprometimento e não deixou justificativa para a inação – a começar por ele próprio. Moldado pela família e a maneira como foi criado, avesso às injustiças que testemunhou, foi um apaixonado e um intelectual, um idealista entre cínicos e, em última instância, uma figura solitária e mal compreendida, preocupado com o possível fracasso de sua obra em um país de promessas quebradas e em um continente de sonhos perdidos.